
A corporação de fontoura sob o signo das nações unidas: Os relatos orais da participação pioneira de policiais paraenses na operação de paz em moçambique – onumoz (1993 – 1994)

Lucas Carnevale Machado¹

Resumo: O seguinte trabalho tem como objetivo discutir a primeira participação de policiais militares do estado do Pará em missões de paz da ONU, na Missão das Nações Unidas para Moçambique (ONUMOZ) atuando como observadores policiais, cabendo aos mesmos a fiscalização polícia local moçambicana e o apoio para o total cumprimento dos objetivos estabelecidos pela missão. Além do pioneirismo, é importante compreender de que maneira a missão foi organizada e preparada, somado aos impactos pessoais e coletivos devido aos rastros da guerra ligados principalmente à Guerra do Ultramar (1964 - 1974) e a Guerra civil Moçambicana (1977 - 1990). Essa abordagem foi realizada através de entrevistas qualitativas de história oral, buscando suas histórias de vida, suas formações profissionais e na corporação, somadas às suas diferentes atuações na missão.

Palavras Chave: História Militar, Manutenção da Paz, Polícia Militar.

Abstract: The following paper aims to discuss the first participation of military police officers from the state of Pará in UN peacekeeping missions, in the United Nations Mission for Mozambique (ONUMOZ) acting as police observers, responsible for monitoring local Mozambican police and providing support for the full fulfillment of the objectives established by the mission. In addition to pioneering, it is important to understand how the mission was organized and prepared, added to the personal and collective impacts due to the traces of war linked mainly to the Overseas War (1964 - 1974) and the Mozambican Civil War (1977 - 1990). This approach was carried out through qualitative interviews of oral history, seeking their life stories, their professional and corporate backgrounds, added to their different roles in the mission.

Keywords: Military History, Peacekeeping, Military Police

1. Graduado em Licenciatura Plena em História pela Universidade do Estado do Pará (UEPA); Especialista em História militar pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL); Mestrando em Ciências do Patrimônio Cultural pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

Contexto Histórico

A participação brasileira em Missões de Paz das Nações Unidas é bastante notória, desde a formação da ONU com o fim da II Guerra Mundial (1939 - 1945). As forças armadas brasileiras (Exército, Marinha e Aeronáutica) estão presentes nas operações desde 1948 como observadores e, desde 1956, como força de ação direta para a manutenção da Paz². De acordo com a evolução das missões, que aos poucos se tornaram cada vez mais complexas, demandando vários grupos profissionais. Médicos, engenheiros, policiais; são algumas das áreas especializadas que ganharam espaço nas tarefas de consolidação da paz e de reintegração social de grupos envolvidos em guerras civis ou em combate por décadas.

Com o início da década de 1990, no qual evidenciou a profunda crise político-econômica do mundo socialista, e que culminou no fim da União Soviética em 1991, encerrou a disputa entre Capitalismo contra Socialismo conhecida como Guerra Fria, restando na atualidade poucos países socialistas (China, Coréia do Norte e Cuba são os mais notórios). neste vácuo entre as superpotências em que surgiram muitas brechas de conflitos considerados secundários, e que aos poucos tomaram cada vez mais importância e notoriedade. Um destes conflitos estava em curso desde o processo de abandono colonial Português com a Revolução dos Cravos, em 1974, resultando na criação de novos países: Angola, Cabo Verde, Moçambique, Timor Leste, Guiné-Equatorial e São Tomé e Príncipe. Neste trabalho especificamente, será abordado o caso moçambicano, no qual após a independência, a nação consolidou o poder político dentro do grupo militar que lutava pela emancipação desde a década de 1960, a Frente de Libertação Moçambicana (FRELIMO) de orientação marxista, tornou a nova nação um foco de problemas diplomáticos com nações vizinhas, como a África do Sul e a Rodésia (Atual Zimbábue).

Os problemas políticos foram agravados pelo fechamento da fronteira com a Rodésia, no qual a FRELIMO apoiava os Rebeldes contra o Apartheid no país fronteiriço. Os Rodesianos, em contrapartida apoiaram a criação de uma nova facção política dentro de Moçambique, a Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO), no qual foi apoiado por vários países limítrofes, tendo como base a guerrilha contra o governo da FRELIMO e contra o Comunismo (SILVA e AGUILAR, 2005).

Com o fim do apoio aos grupos conflitantes na década de 1990, a ONU iniciou a preparação para um acordo de paz e o fim dos conflitos entre a FRELIMO e a RENAMO, assinado em 1991, transformando os em partidos políticos e iniciando o processo de reintegração social dos milhares de combatentes espalhados pelo país. Em dezembro de 1992, tem início a Operação das Nações Unidas em Moçambique (ONUMUZ), composta por tropas militares regulares e por policiais militares de várias nações (AGUILAR, 2005).

Nesse contexto a Polícia Militar do Pará, através do comandante geral na época o Coronel Cleto José Bastos da Fonseca, decidiu convocar oficiais intermediários para participar da

2. A missão de observação está incluída dentro dos objetivos ligados à manutenção da paz, cujo objetivo é a fiscalização ao cumprimento de acordos de paz previamente definidos entre partes beligerantes. Já a força de ação direta atua na defesa de instalações e do contingente responsável pelas Missões de Paz, ou no combate a grupos dissidentes que ameacem a vida de civis e os direitos humanos, obrigando o uso de operações militares ofensivas in: AGUILAR, Sérgio Luís Cruz. **Brasil em missões de paz**, São Paulo, Usina do livro, 2005. MACHADO, Lucas Carnevale. **Experiências pessoais e coletivas de militares Paraenses das Forças de Paz da ONU na MINUSTAH: Uma abordagem de suas memórias Orais** (2008 - 2017), UEPA, Belém, 2019.

ONUMOZ, buscando essa experiência de uma missão internacional, além de incluir a corporação no panorama das instituições militares brasileiras que colaboram junto às Nações Unidas.

A corporação foi criada em 1818, para servir como unidade de cavalaria provincial do Grão-Pará pelo Conde de Vila Flor, teve participações marcantes em grandes eventos militares da história do Pará e do Brasil, como durante a Cabanagem (1835 – 1840); A Guerra do Paraguai (1864 – 1870), formando o Corpo Paraense de Voluntários da Pátria e a Guerra de Canudos (1897), tendo ação destacada nos últimos ataques ao arraial de Belo Monte e com a grande atuação de Oficiais da PM como o coronel José Sotero de Menezes e o patrono Antônio Sérgio Dias Vieira da Fontoura, que comandou o ataque de 25 de setembro.

A Força foi extinta após a Revolução de 1930, sendo reativada somente em 1932 e sendo reorganizada em 1935, criando unidades policiais específicas na capital, assim como a construção de cursos de educação e de estudos ligados à formação de policiais, consolidando a instituição estadual para o cumprimento de suas obrigações constitucionais.

Durante a década de 1940 a 1980, a polícia esteve sob constante supervisão do exército, que através da Inspeção Geral da Polícia Militar (IGPM) fazia as orientações acerca de armamento, doutrina, e de questões que buscavam fortalecer a ideia das corporações estaduais como Reserva do Exército (COTTA, 2018, p. 177). Apesar disso, durante essas décadas, a Polícia Militar Paraense fortaleceu sua identidade própria, buscando em Fontoura e em outros militares históricos a consolidação dos signos da corporação. Com a profissionalização constante, foi criado em 1990 a Academia de Polícia Militar Coronel Fontoura, oferecendo uma formação mais completa aos oficiais.

Muitos oficiais que se candidataram para participar da missão eram recém-formados da academia, dessa maneira foram selecionados: Seis 2º Tenentes e um capitão para participarem da ONUMOZ, sendo respectivamente: Tenentes Bittencourt, Fernando, Gibson, Guerra, Mário Antônio e Seraphico; além do capitão Marcos Eismann. Até o ano de 2020, consegui contatar a maioria dos oficiais para fazer as entrevistas. O Coronel Marcos faleceu em 2019, e o Ten. Cel. Guerra faleceu durante o processo de construção da pesquisa, devido a Pandemia de Covid – 19. Durante oito meses (outubro de 2020 – maio 2021) foram coletadas cinco entrevistas, através do aplicativo zoom, com os depoimentos sendo gravados e transcritos para fazer as problematizações e discussões sobre a participação desses policiais na ONUMOZ.



Foto 01: Equipe da Polícia Militar do Pará selecionada para a ONUMOZ.

Presentes: (Da esquerda para direita) F. Gibson, Seraphico e Marcos Eismann (Em pé); C. Guerra, Mário Antônio, S. Bittencourt e Fernando (Sentados).

Foto: Coronel Fernando (Acervo Pessoal).

Os relatos de vida dos entrevistados e a história oral como fonte histórica

A grande maioria dos entrevistados contou um pouco de sua história de vida antes e durante a trajetória na força policial, no qual teve alguns que eram oriundos do Exército, principalmente do Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva (NPOR), os inspirando a seguir carreira dentro do meio militar (FERNANDO e SERAPHICO, 2021).

Antes de ir pra missão, a gente praticamente viveu as mesmas coisas. Eu fiz, nós fizemos a formação no exército, né? Como oficial R2, temporário, no NPOR, depois aí eu, no meu caso, eu não sei o caso do Guerra mas no meu caso eu servi como tenente temporário na fronteira do Brasil com a Guiana Francesa. Eu servi lá em Clevelândia do Norte, durante um ano e um mês. Eu fui tenente temporário, né? Numa área ruim também. E aí isso me trouxe uma certa rusticidade, né? Me deu uma certa resiliência. E aí quando eu vim pra PM, nós fizemos academia, né? E da academia a gente foi pro batalhão de choque, né? No batalhão de choque, tinham muitas missões, assim, árduas, né? Com muitas missões árduas. Reintegração de posse, campo de futebol, né? (FERNANDO, 2020, p.3)

Para outros, a carreira militar influenciou ou acrescentou a formação acadêmica dos militares, no qual foram formados em áreas variadas como: Direito, Inglês, Ciência da computação e até um doutor em Sociologia. Além da formação acadêmica, a grande maioria dos militares entrevistados tem histórico na realização de cursos internos das forças armadas ou policiais, como o Curso de Formações Especiais (Tenente Guerra, Fernando, Seraphico) e o Curso de Guerra na Selva (Tenente Bittencourt).

Nesse sentido o estudo da História Oral é importante para a compreensão dessas histórias de vida que segundo Porteli:

Mas o único e precioso elemento que as fontes orais têm sobre o historiador, e que nenhuma outra fonte possui e a subjetividade do expositor. Se a aproximação para a busca é suficientemente ampla e articulada, uma seção contrária da subjetividade de um grupo ou classe pode emergir (PORTELLI, 1996, p.7).

Aos poucos, com o avançar da entrevista, algumas particularidades sobre a missão e sobre a sua atuação na ONUMOSZ emergiram de acordo com as funções que atuaram e seus contatos com as mazelas e com a população civil afetada na guerra civil.

As memórias de Guerra ou na atuação em conflitos internacionais, foi um dos pontos abordados por Alistair Thomson, que construiu uma obra sobre as Histórias Orais dos veteranos de guerra da Austrália e da Nova Zelândia (ANZAC's). A análise dessas fontes permite ao historiador captar possíveis traumas e problemáticas decorrentes do combate direto ou de presenciar eventos traumáticos, como: ver ataques a população civil, presenciar detonações acidentais de minas terrestres ou ser vítima de um artefato do tipo.

Para Thomson:

Outro difícil foco de atenção das novas entrevistas refere-se à maneira como as memórias são afetadas pelas estratégias de contenção, pelos meios de controle da frustração, fracasso, perda ou dor. Isto exigiu um balanço sensível entre uma investigação potencialmente dolorosa e a leitura das entrelinhas da memória. O que é possível ou impossível lembrar, ou mesmo ser

dito em voz alta? Quais são os significados ocultos dos silêncios e súbitas mudanças de assunto? (THOMSON, 2001 p.7)

Com esses cuidados e nuances, a pesquisa foi constituída com perguntas voltadas a suas histórias pessoais na missão, sempre buscando interligar com suas trajetórias de vida, buscando discutir os traumas, pontos marcantes e pequenos detalhes geralmente não discutidos por uma historiografia mais tradicional, mas que servem para compreender a realidade em que esses veteranos estavam imersos.

As Origens da polícia militar paraense

A polícia militar do Pará tem um grande histórico de atuação regional, fundada em 1818, como uma tropa de Cavalaria de 2º Linha subordinada ao comandante das armas e ao presidente da Província do Grão-Pará. Estas tropas atuaram na manutenção da legalidade até a adesão à independência em 1823, tal como na Cabanagem (1835 – 1840), no qual os seus quadros como legalistas, defenderam Belém e outras praças fortes do Interior (Cametá, Santarém, Óbidos etc.). Durante todo o império, manteve estreitas ligações com a força terrestre nacional que estava acantonada no Grão-Pará, com a tropa sendo comandada geralmente por Oficiais de 1º Linha terrestre (Exército), atuando diretamente em conflitos, como na guerra do Paraguai (1864 – 1870)³.

Já na República, a atuação desses policiais paraenses em conflitos regionais mostrou-se importante, devido à grande repercussão na mídia de época sobre o Arraial de Belo Monte (também conhecido como Canudos). Foram feitas quatro incursões militares fracassadas em Belo Monte, usando de tropas de 2º Linha (polícias locais e jagunços) e de 1º Linha (exército), e que acabaram perdendo armamentos e recursos humanos (MACHADO, 2012).

Na quinta e última expedição, tropas do exército dotadas de cavalaria e artilharia, somadas a tropas de policiais militares do Pará, avançaram sobre o arraial em 25 de setembro de 1897, no qual o comandante da unidade paraense, Coronel Sotero de Menezes foi ferido, sendo levado para a retaguarda para tratamento. Seu substituto, Tenente Coronel Antônio Sérgio Dias Vieira da Fontoura, ordenou a tropa a manter-se em suas posições e avançando cada vez mais para o interior do Arraial, permitindo o primeiro hasteamento da bandeira brasileira no local, assim como a bandeira do estado do Pará, marcando o início da vitória das tropas militares sobre os sertanejos (GOMES FILHO, 2013 9-10; MARRECA, 1937).

Apesar da memória e dos acontecimentos finais sobre canudos serem controversos, a atuação da tropa paraense



Foto 02: Retrato do Patrono da Polícia Militar do Pará, Coronel Antônio Sérgio Dias Vieira da Fontoura. Foto: Museu digital da PMPA.

3. MACHADO, Francisco Ribeiro. *Visão Histórica da Polícia Militar do Pará: pesquisa e compilação*. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 2012.

marcou a corporação, dando-lhe um patrono, vários signos e heróis que foram bastante promovidos pelo regime recém-formado da República Brasileira. A corporação passou por contínuas mudanças, participando de revoluções (como a de 1917), combatendo movimentos revolucionários de caráter tenentista (1924 e 1930), acabou sendo extinta pelo Interventor Joaquim Magalhães de Cardoso Barata, devido suas contínuas intromissões na repressão aos movimentos tenentistas que ele tinha tomado parte (MACHADO, 2012).

Assim, entre 1930 e 1932, a segurança pública do estado foi feita somente pela Guarda Civil ligada ao Interventor, sendo complementada somente em 1932, após a mobilização de estudantes e outros ativistas em favor do movimento constitucionalista em Belém. Os revoltosos conseguiram tomar a chefatura de polícia e se apoderaram de armas, com a revolta durando por mais alguns dias. A partir daí, foi criada uma companhia de Estabelecimento (Infantaria), com antigos militares da Força Pública, e que foram sendo mobilizados por completo até 1935, quando a Polícia Militar Ressurge com Um Batalhão de caçadores, um Regimento de Cavalaria e o Comando geral (OLIVEIRA, 2013).

Junto com esse ressurgimento, em 1939 surge o primeiro curso de formação de Oficiais especificamente para policiais, não ligados ao exército como anteriormente, permitindo maior autonomia para o ensino e a corporação, permitindo que os oficiais tivessem um treinamento mais aprimorado para a profissão policial (MARRECA, 1940).

De 1939 a 1989, muitos oficiais da Polícia militar paraense foram formados internamente e em outras escolas estaduais de polícia, no qual não havia tantas diferenças, permitindo a formação e o aperfeiçoamento dos quadros de comando do Brasil inteiro. Em 1990, foi fundada a Academia de Polícia Militar Coronel Fontoura, única escola de formação construída a partir dos quadros de oficiais da Polícia paraense. É importante compreender o quão recente era essa formação dos policiais de comando do Pará, pois muitos militares entrevistados eram recém-formados dessa instituição, com pouquíssimo tempo de aspirante e de 2º tenente. No total, cerca de cinco militares foram entrevistados sobre a participação da Polícia na ONUMOZ, especificados na seguinte tabela:

Nome completo do Militar	Posto na corporação (Na missão/ Na Reserva) Respectivamente	Entrevistado ou não
Fernando Carlos Gibson de Carvalho	2º Tenente / Coronel	Sim
Cláudio Guerra	2º Tenente / Tenente Coronel	Sim, parcialmente (Falecido em 2020)
Mário Antônio	2º Tenente / Coronel	Não
Márcio Fernando Borges	2º Tenente / Coronel	Sim, parcialmente
Marcos Eismann	Capitão / Coronel	Não (Falecido em 2019)
Sandoval Bittencourt de Oliveira Neto	2º Tenente / Coronel	Sim
Waldomiro Seraphico de Assis Carvalho Neto	2º Tenente / Coronel	Sim

Tabela 01: Relações de policiais participantes e suas respectivas patentes à época da Missão e após baixa da Corporação, entrevistados ou não.

A formação da Nação da África austral e a dominação portuguesa

Moçambique é um estado da África subsaariana, colonizado por Portugal desde o século XV, com as expedições portuguesas que tinham como objetivo alcançar as "Índias orientais", contornando por completo o continente africano. Os europeus chegaram à região na viagem de Vasco da Gama para o subcontinente indiano, apesar de já haver entrepostos árabes de comércio na região, principalmente vindos do norte da África entre as regiões atuais da Somália e Malawi. O estabelecimento dos portugueses da região deu-se a partir dos séculos XVI e XVII, com a fundação das primeiras vilas e estabelecendo ou impondo acordos com os reinos locais (CABAÇO, 2007, p. 28).

Durante a parte final do século XIX, Portugal consolidou seu domínio ocupando os territórios que foram sendo explorados com a atuação de firmas empresariais de capital português e britânico, no qual colaboraram com a eliminação dos reinos nativos restantes. Nesse processo, a capital do território passou por mudanças, indo da Ilha de Moçambique (ao norte) para a Cidade de Lourenço Marques, atual Maputo (ao Sul) (CABAÇO, 2007, p. 94 - 95).

Durante a primeira metade do século XX, a administração portuguesa consolidou a participação econômica de Moçambique como fornecedor de matérias primas agrícolas, trabalhando com a exportação, complicando bastante a situação de subsistência dos agricultores menores (CABAÇO, 2007, p.73). Com a ascensão de Antônio Salazar no comando de Portugal, a repressão cultural aos nativos de Moçambique aumentou, com o estabelecimento de diretrizes para atuação em Angola e Moçambique, como: a intervenção direta da Igreja católica na educação dos moçambicanos nativos, e que apesar disso, em 1975, 90% da população permanecia analfabeta; havia um processo de concessão de mão de obra barata a África do Sul, para trabalharem nas minas de carvão; além disso, tinha o incentivo contínuo para a Migração de Portugueses carentes para as suas regiões ultramarinas (SILVA, 2019, p. 3; SILVA, 2005, p; CABAÇO, 2007, p.157 e 169).

Na década de 1950, a região foi transformada em província ultramarina, além de receber alguns investimentos em infraestrutura por parte da metrópole portuguesa, principalmente ligadas aos transportes, consolidando alguns corredores específicos, consolidando as estradas de ferro construídas no final do século XIX. Já em 1960, o governo português conseguiu coibir as aspirações de independência de Moçambique, levando ao exílio muitos de seus cidadãos (SILVA, 2005).

Muitos desses se refugiaram em países vizinhos como o Quênia, Tanzânia e o Malawi, e que apesar de longe de sua terra, não deixaram de defender a independência moçambicana, formando vários grupos de resistência (inicialmente política, depois como guerrilha) aos portugueses. Estes se unificaram na Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), fundada em 1964 e que atuou diretamente contra Portugal durante a Guerra do Ultramar. Apesar da grande resistência dos moçambicanos, a guerra manteve o domínio colonial português até 1974, que com a Revolução dos Cravos acabou encerrando o período de domínio salazarista no poder e iniciando o declínio de Portugal em seus territórios ultramarinos na África e na Ásia (JANUÁRIO, 2019, p. 16).

A Guerra entre a FRELIMO e a RENAMO (1976 – 1992)

Como o movimento de independência da nação havia sido unificado junto a FRELIMO, o poder foi entregue exclusivamente a esse grupo político, cujas posições políticas estavam bem próximas do marxismo-leninismo. Dessa maneira, algumas nações fronteiriças começaram a esboçar preocupação, e consolidar grupos guerrilheiros contra este governo estabelecido (SILVA, 2005; JANUÁRIO, 2019).

Em 1977 a nova nação enfrenta vários combates entre si, entre o governo marxista da FRELIMO, e uma nova organização guerrilheira de caráter anticomunista auxiliada e equipada pelo governo racista da Rodésia do Sul, de Ian Smith como represália ao apoio do Governo de Moçambique aos guerrilheiros africanos de Robert Mugabe que combatiam o regime do Apartheid Rodesiano (SILVA, 2005).

Esses guerrilheiros formaram a Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO), atuando em Guerrilha, sabotagem e Guerra regular, no qual ambas as facções políticas dominavam partes da nação, levando a um grande desgaste social e econômico do país, com muitos civis feridos e mutilados após 15 anos de conflito. Com o final da guerra fria e da polarização ideológica global, ambos os lados foram levados à mesa de negociação, para evitar um isolamento que complicaria ainda mais a situação de Moçambique (SILVA, 2005).

Entre 1990 e 1992, foram feitas várias conferências entre a FRELIMO e a RENAMO, que assinaram o fim das hostilidades em 04 de outubro de 1992, que estabeleceu a atuação das Nações Unidas como responsável pela desmobilização dos combatentes e pelas eleições democráticas de 1994 (SILVEIRA, 2019).

Objetivos principais da missão e do contingente policial

O mandato da missão da ONU em Moçambique começou em dezembro de 1992, com a formação dos primeiros elementos constituintes da ONUMOZ e da mobilização dos países membros para os militares interessados em contribuir. Segundo artigo escrito pelo general de divisão Lélío Gonçalves Rodrigues da Silva, antigo Comandante Militar da ONUMOZ, foram constituídos para a missão cerca de cinco segmentos profissionais para atuar em Moçambique: um componente Militar, uma Divisão Humanitária, uma divisão eleitoral e uma Divisão Administrativa. O contingente policial no qual o trabalho se trata, foi formado por último, devido a organização policial de Moçambique ser formada por grande maioria de membros da FRELIMO (Governo), necessitando de uma fiscalização maior das Nações Unidas (SILVA, In AGUILAR, 2005 p. 78).

Segmento Profissional da ONUMOZ	Objetivos na Missão	Membros
Divisão Militar	Colaborar para a manutenção do cessar fogo entre as partes, desminar e proteger as áreas estratégicas para a logística do andamento da missão; contenção de grupos rebeldes armados; prestar todo o apoio necessário aos outros segmentos da missão.	Militares das Forças Armadas de vários países membros da ONU.
Divisão Humanitária	Responsável por prestar o apoio para os processos de organização de refugiados e combatentes desmobilizados, além de gerir os recursos (água, comida, medicamentos, etc) e realizando o processo de desminagem.	Civis, Militares da ONU e firmas contratadas.
Divisão eleitoral	Para organizar e acompanhar os Processos eleitorais no executivo e legislativo de Moçambique no ano de 1994.	Observadores civis de vários países membros da ONU.
Divisão Administrativa	Responsável pelo apoio logístico e administrativo da ONU na missão.	Civis locais ou estrangeiros empregados pela ONU.
Contingente policial	Monitorar a atuação da Polícia de Moçambique	Policiais da UNPOL selecionados para a missão.

Tabela 02: Objetivos gerais da ONUMOZ. Extraída de: (SILVA, In AGUILAR, 2005).

Seleção e contato inicial com a missão

A seleção dos oficiais paraenses participantes da missão de paz de Moçambique foi noticiada pelo Boletim Geral da Polícia Militar, o qual abriu vaga para 07 Oficiais paraenses, que deveriam ser primeiros tenentes ou capitães, contando já com certa experiência dentro da corporação.

Apesar disso, participaram do processo da ONUMOZ, seis Segundos Tenentes e um Capitão da polícia paraense. Como a grande maioria dos oficiais estavam fora dos padrões definidos previamente, foram feitas audiências com o Comandante Geral da PM, Cleto José Bastos da Fonseca e o Governador do Estado na época, Jader Barbalho, que autorizou os referidos militares a seguir com a missão.

Depois de autorizados, os policiais paraenses foram de avião de Belém para o Rio de Janeiro, embarcando após dois dias para uma das capitais da África do Sul (Johanesburgo), que passava pelo processo de transição do regime racista do Apartheid, para uma democracia com participação ativa de toda a população. Um ponto importante sobre essa escala, é que somente três militares falaram sobre ela, de maneira que foi abordada a tensão existente no país inteiro. Segundo Gibson e Guerra:

[...] estava em um clima muito tenso, próximo ao fim do regime. Chegamos a presenciar várias cenas que fariam as pessoas ficarem chocadas. O que as pessoas narram a respeito daquele momento histórico, nós presenciamos (GIBSON, 2021 p. 3).

Fizemos uma escala em Johannesburgo, na África do Sul e foi bem interessante essa escala, né? Em Johannesburgo. Fernando, eu não sei se tu recordas disso, que estava ainda no final do processo do apartheid lá, na África do Sul e no dia que nós viemos embora teve um atentado no aeroporto de Johannesburgo, nós estávamos no hotel, nós fomos orientados a ficar no hotel, porque ainda estavam naquele processo de soltura do Nelson Mandela, e enfim, a África do Sul se encontrava bastante conturbada (GUERRA, 2020 p. 2).

Da cidade sul-africana os policiais foram para Maputo, Capital de Moçambique, sendo recebidos no quartel general da ONU no Hotel Rovuma, instalando-se na capital em um outro hotel com situação estrutural complicada. Segundo Bittencourt:

A cidade parecia aquilo que se vê na televisão, em filmes: toda quebrada, destroços de prédios e carros pela rua, uma desordem muito grande. Nós fomos levados para o hotel, para nos acomodarmos e de lá partir para a primeira reunião. Não sei se foi um trote, não sei quem selecionou o hotel, porque existiam hotéis razoáveis em Maputo, mas nos colocaram em um hotel que parecia realmente o cartão de visitas de um país atacado, destruído pela guerra: eram quartos quebrados, sem água encanada, com a tubulação sanitária entupida, o prédio no pior estado possível. (BITTENCOURT, 2021, p. 3)

Uma passagem curiosa sobre a estadia inicial em Maputo foi contada pelo coronel Fernando, no qual:

Não tinha água no hotel. Então, eu fiquei junto com o Seraphico no apartamento lá, e perguntei para o rapaz que foi mensageiro, como é que a gente fazia para lavar as mãos, para conseguir água. Ele disse, "não, eu vou conseguir a água para vocês, eu vou trazer um balde de água", fazendo um sotaque bem moçambicano, que mistura ali o português com os dialetos locais. E aí, ele trouxe um um balde de água ali, mais ou menos, tinha uns dez litros de água, ou até menos. E aí, eu perguntei para ele, "meu amigo, mas é para mim e para ele, para os dois, que a gente precisa tomar um banho, né?" E ele olhou na minha cara assim e disse "E não dá?" (FERNANDO, 2020 p. 2)

Durante a parte inicial da missão, os relatos ficam um tanto confusos, abordando após a divisão dos locais de serviço a falta de informações sobre essas regiões, além de um certo desconhecimento sobre a função do Observador Policial, no qual tinha algumas peculiaridades: muitos policiais levaram grande quantidade de equipamento de natureza operacional, sem saber o que faria na missão. Os militares passaram por vários cursos de nivelamento, principalmente para lidar com o equipamento militar das Nações Unidas, inglês e espanhol, artefatos explosivos e minas terrestres. Chegando nos locais de serviço, não poderiam usar armas e só utilizaram pouca coisa do equipamento que trouxeram.

Quanto às informações da ONU, o Coronel Gibson afirma que:

Pediram para aguardar a relação dos nomes para fazer a distribuição no terreno. Então cada um olhou pro outro e eu pensei: "é só isso que o cara tem para me oferecer de informação?". Pensei que iríamos ficar os 7 juntos, nos separaram de acordo com grau hierárquico. Minha dupla foi o Fernando, ficamos juntos durante toda a missão. Fomos para o local mais longínquo que havia no país, uma região bastante inóspita (Cidade de Tete). E ninguém nos deu informação sobre a população, sobre as províncias, sobre as Agências presentes, sobre as questões de áreas fronteiriças, não deram informações sobre o nosso contingente, de quantos

oficiais estariam sendo deslocados para lá, fomos às cegas. Carregando um peso enorme. Quando chegamos lá, pensamos: “a gente vai formar a polícia. Uma responsabilidade e tanto.” Mas no primeiro dia já veio a decepção. Nós seríamos bucha-de-canhão. O deslocamento é sempre pelos veículos da ONU, eles têm uma logística fantástica. A ONU, quando chega num local, traz uma logística maravilhosa. Os aviões todos cedidos pelas Nações para fazer o transporte, veículos, combustível liberado para rodar, você faz missão sem se preocupar com nada. A logística que eles oferecem é “mil por cento”! Agora, informações são “menos dez” (GIBSON, 2021 p. 4).

A rotina nas províncias e nas funções de Observador Policial

No início da missão, ficou estabelecido que os militares seriam divididos de acordo com a patente, sendo deslocados para as capitais dos distritos, responsabilizando-se em fiscalizar os destacamentos policiais nas províncias.



Foto 4: Visita de Inspeção a um Distrito da Polícia de Moçambique. Foto e Legenda: Coronel Seraphico.

Nessas localidades, foram definidas duplas de policiais, responsáveis pela visita e inspeção aos postos policiais e que preencheram relatórios sobre a atuação policial moçambicana. De acordo com Seraphico:

Nas províncias começamos o trabalho de fato, cada uma tinha o equivalente aos municípios, que eram chamados de distritos. Nós íamos aos distritos, fiscalizar a polícia, ver se estavam respeitando os direitos humanos, aquela coisa chata que nenhum policial gosta que cobrem. Mas foi bom, porque como somos policiais e entendemos o ofício, mais a facilidade de se comunicar por causa da língua, que é a mesma, pudemos nos comunicar bem (SERAPHICO, 2021, p.5).

Segundo um dos relatos, militares da Europa e dos “países desenvolvidos” tiveram preferência para escolher os lugares que atuariam, principalmente nas proximidades da Capital (Maputo). Para Gibson:

Então, na hora da distribuição, você vê os europeus ficando com os melhores locais. Os latino-americanos e os asiáticos iam “para a roça”. Quando chegamos lá, havia apenas asiáticos: malaio, indianos, depois chegaram dois espanhóis, mas bem depois (GIBSON, 2021, p. 4).

Além da função de fiscalização, muitas vezes os observadores paraenses atuavam em outras áreas, principalmente a administrativa, fornecendo documentação sobre as visitas aos postos policiais, serviam de intérprete entre os chefes locais da ONU (que não falavam português) e os policiais locais, além auxiliar a construção de espaços para as Nações Unidas, indicavam possíveis territórios minados não demarcados, auxiliando a divisão humanitária ou a companhia de engenheiros para proceder com a limpeza.



Foto 05: Tenente Seraphico em frente a casa alugada para servir de sede da ONU na província de Inhambane. Mostra também o carro utilizado para o patrulhamento na província. Foto e legenda: Coronel Seraphico.

Um relato peculiar sobre a geografia da região onde serviu veio do Coronel Bittencourt, que serviu em uma cidade bastante distante da capital moçambicana:

Fomos para Lichinga. Fica na província de Niassa, no noroeste de Moçambique. Tem o lago Niassa, que faz fronteira com a Tanzânia, com o Zimbábue. É como se fosse o sertão do Nordeste, ou o interior do Amazonas, é a península mais pobre do país, mas apesar disso, é muito bonita, porque ela fica numa montanha, a mais de 2000 metros de altitude. Então era um clima frio, para minha surpresa. Em determinado período do ano nós trabalhávamos com roupas de lã e agasalho, em plena África. Mas você deve lembrar que ali perto fica o monte Kilimanjaro, ao norte de Moçambique, então tem essa cordilheira e um clima mais frio. Tinha pêssego na rua. Acabou sendo uma grata surpresa, a cidade pobre – no sentido de simples, não pobre de destroçada, inclusive pouco afetada pela guerra. (BITTENCOURT, 2021 p. 4-5).

Esse entrevistado buscou ir para um lugar mais afastado o possível dos grandes centros urbanos, em uma região mais pobre do país, mas que se mostrou muito bonita para o militar, devido ao clima que foge do tropical brasileiro. Principalmente por ser uma região de grande altitude nas proximidades das cadeias montanhosas que seguem rumo ao norte, aumentando a altitude na medida que avança para a Tanzânia.

4. Com isso, os militares entrevistados foram divididos nas seguintes regiões: 2º Tenentes Fernando e Gibson - **Província de Tete** (capital homônima); 2º Tenente Guerra - **Província de Manica** (Cidade de Chimoio); 2º Tenente Seraphico - **Província de Inhambane** (capital homônima); 2º Tenente Bittencourt - **Província de Niassa** (Cidade de Lichinga). Até a Finalização do Trabalho, não obtive os locais de serviço na ONUMUZ do Tenente Mário Antônio e do capitão Marcos Eismann.

A logística da ONUMUZ

A Logística da missão sempre foi um tema bem discutido pelos entrevistados, ora elogiando ou reclamando de sua atuação. Apesar disso, é inegável que sem uma organização logística adequada, a missão teria muito mais desafios em cumprir apoio humanitário aos civis e feridos, assim como o fornecimento de recursos para os campos de distribuição de combatentes. Nesse último exemplo, surgiam constantes pontos de tensão, pois bastava um atraso no envio dos suprimentos para determinado campo, que os policiais da ONU e funcionários ficassem à mercê dos combatentes nos campos. Segundo o depoimento do Coronel Guerra:

Chegou uma informação para nós que tinha um campo guerrilheiro da RENAMO, que estava numa montanha lá, que eles estavam se rebelando. E fomos lá para fazer uma verificação, eu, um grupo de observadores também do Egito, da Espanha e de Portugal também. Foi, né? Esses três, esses quatro países. Fomos lá, quando nós chegamos, alguém da WFP [Programa Mundial de Alimentos] tinha dito que ia entregar alimentos para eles e esse alimento não tinha chegado. E realmente o comandante lá guerrilheiro da RENAMO, ele deveria ter uns trinta anos de idade, ele era autoridade máxima lá. E ele fez a gente prisioneiro, mandou fazer uns prisioneiros que em troca do dos alimentos né? Mas como nós ficamos prisioneiros deles, como que a gente ia informar que nós estávamos nessa situação? (GUERRA, 2020, p. 5)

Para outros entrevistados essa experiência foi mais interessante, mantendo um clima amigável com os combatentes moçambicanos apesar da tensão no campo. Para Bittencourt:

Teve uma situação lá, quando morei no acampamento de desmobilização, os problemas que aconteceram foram por conta disso, os desmobilizados ficaram insatisfeitos: ou faltou comida, ou faltou medicamento, ou informação, era quando a coisa esquentava um pouco. Mas esquentava assim, por exemplo: teve um dia que eles foram lá e disseram “olha, ninguém sai, vocês estão presos, por que a gente precisa...” não lembro o que, se era comida ou alguma informação. Para alguns isso pode parecer o fim do mundo, mas para a gente, que lidava com eles, foi tranquilo. Então falamos “ninguém vai sair? Pega a bola, vamos jogar bola.” Jogamos bola com eles. (BITTENCOURT, 2021, p. 11)

Fora estas situações, o envio dos suprimentos para a missão era bem interessante, com grande mobilização de veículos aéreos atuando como intendência para o contingente militar e os observadores policiais. Em alguns lugares, grandes aviões serviam como “mercado para os militares da ONU”, como relatado pelo coronel Guerra:

Eu estava conversando com ele, contando para ele a questão logística nossa de alimentação, quando nós chegamos lá, Fernando, eu lembro que tu, também em Tété, passaste por coisas semelhantes, a gente, nosso supermercado mais próximo era em outro país. Era no Zimbábue, que a gente comprava as coisas, a ONU depois viabilizou a questão de um Antonov, que foi transformado em supermercado e passava lá. Eu não sei se passava lá em Tété. Lá em Chimoio passava, que tinha um aeroporto grande, lá o Antonov pousava lá. Mas não foi contínuo, continuado isso. Depois parou e a gente tinha que se virar realmente para conseguir alimento de qualidade, era muito difícil(...) (GUERRA, 2020, p. 4)

Somado a isso, havia grandes recursos para a realização dos serviços dos observadores policiais, que necessitavam de movimentação constante, principalmente em veículos 4x4, além do apoio necessário aos observadores eleitorais, como abordado pelo Coronel Bittencourt:

Na fase política, o local onde eu fiquei acampado, gastamos uma determinada quantidade de combustível para chegar no local. O combustível que eu tinha não era suficiente para voltar. Eu precisava de 40, 60 litros. Via rádio, eu pedi o abastecimento. Chegaram dois tonéis de 200. E eu tinha que ficar, porque para embarcar não pode misturar combustível com pessoas. Então reunimos a comunidade e ensinamos a fazer lamparina, distribuimos o diesel e ensinamos a fazer lamparina, porque em alguns locais não tem. Não tinha lamparina porque não tinha diesel. (...) Uma vez uma observadora política ficou menstruada e não tinha absorvente, então eu pedi por rádio, e não demorou muito chegou um mega helicóptero “biturbinado”. Uma hora de voo desse helicóptero deve custar mais de 3 mil reais, e chegou trazendo um pacote de absorventes. Isso é um exemplo de logística da ONU, do que ela gasta numa missão dessas. Isso me chamou atenção. (BITTENCOURT, 2021, p. 12)



Foto 06: Helicóptero de reconhecimento da ONU para sobrevoos pela Província de Inhambane em Moçambique. Fonte: Coronel Seraphico; Foto: Cel. Seraphico.

Pontos marcantes da missão

As memórias individuais na missão serviram para compreender as visões sobre a missão para muito além da ONUMOZ e do meio militar. Ainda que alguns entrevistados viram as consequências mais cruéis de um conflito tão longo, algumas memórias abordam um grande crescimento nas suas próprias bagagens culturais, facilitadas com a relação entre brasileiros e moçambicanos.

Nessa questão, a influência da cultura brasileira é falada pelos entrevistados, tanto pelo futebol, como pela produção de novelas, facilitando as conversas somada ao fator de serem países lusófonos. Segundo Guerra:

[...] nós tínhamos uma vantagem pelo fato de ser brasileiros e eles lá gostam muito de brasileiro, pelo fato das novelas, pelo fato da cultura brasileira ser associada a cultura portuguesa e, conseqüentemente, eles gostavam muito disso. Nós tínhamos uma facilidade,

como brasileiro, de habitar, de interagir com eles, né? Inclusive, em certo momento, eu fui convidado pra uma reunião com o pessoal da polícia lá de Chimoio, o superintendente geral da polícia estava lá e eu fui apresentado pra ele. E eu fiquei assim até sem graça pelo o que ele me falou. E disse: "Guerra, eu gostaria agradecer ao seu país pela cultura que vocês trazem pra nós. Através das novelas." Aqui a gente não vê dessa forma a novela, né? É. Porque era uma novela que tava passando que incentivava o uso da camisinha. E lá eles não tinham noção de nada. E aquela novela, por incentivar o uso da camisinha, pra Moçambique foi um divisor de águas, porque as pessoas, a partir daquela novela, tantos por cento da população ali houve uma diminuição no número de HIV. (GUERRA, 2020 p.1)

Essa discussão sobre a facilidade de adaptação do soldado brasileiro as situações de tensão em missões de paz, foi abordada por um artigo de Sérgio Cruz Aguilar, no qual para o sucesso dessas negociações entre grupos rebeldes, a cultura brasileira ligada ao esporte e ao entretenimento foi crucial para estabelecer a calma e apaziguar os ânimos em conflito (AGUILAR, 2008). Para exemplificar, ele cita um caso do contingente militar brasileiro na ONUMAZ, que soube usar do jogo de cintura e na facilidade de comunicação entre portugueses e moçambicanos, com o objetivo de liberar a área que estava fechada, permitindo a ida do comboio militar ao seu destino (AGUILAR, 2008).

Outros militares discutem situações marcantes que são consequências de décadas em combate: Locais destruídos, campos minados feitos de forma desordenada, com infraestrutura problemática e a miséria generalizada são alguns dos elementos presenciados no pós-guerra em Moçambique. De acordo com Seraphico e Bittencourt:

O que me marcou foi ver o que uma guerra faz. A pobreza do país, a destruição – cheguei a ver na capital vários prédios destruídos, carros abandonados no meio da rua. Aquela visão, que você só vê na televisão, no jornal, que você sabe que é real mas para você parece longe, distante, cheguei e vi, e isso me marcou bastante. Viajar pela estrada e ver buracos de explosão, de munição. (...), às vezes parávamos para fazer uma necessidade, mas nada aconteceu. Quando voltamos pelo mesmo caminho, em julho ou setembro, estava tudo sinalizado: "Cuidado, mina!!" (SERAPHICO, 2021 p. 7)

Como era uma guerrilha, uma guerra irregular, a coisa foi colocada de uma forma totalmente aleatória e sem controle. Isso primeiro como estratégia da guerrilha, mas depois o próprio exército português reproduziu isso. Então os dois lados distribuíram uma infinidade de minas, tanto de procedência dos países socialistas quanto do bloco ocidental, você tem explosivo de tudo quanto é jeito lá. São os dois países com o maior número de minas no mundo: Angola e Moçambique. Significa dizer que quando nós começamos a nos preocupar em visitar os postos de polícia, as estradas eram locais perigosos. Existia um trabalho dos militares de desminagem, existiam batalhões – na minha região era o batalhão norueguês – que realizavam o trabalho de abertura das estradas. Nós tivemos instruções para um primeiro contato com isso, de como proceder, pois realmente era muito perigoso. Tiveram casos, não sei se foi militar ou policial, sei que acabou virando mito, mas foi passado como informação real, que um integrante português desceu do veículo para urinar, se afastou um pouco e pisou numa mina. Então os militares noruegueses nos passaram os mapas, com as estradas, para fazer a confirmação que as estradas estavam funcionando sem problemas, e aproveitamos pra fazer a fiscalização dos postos de polícia. (BITTENCOURT, 2021, p. 6)

Uma situação recorrente em missões de paz, é que devido aos riscos de ataques terroristas, fogo cruzado e territórios minados desconhecidos. Nesse último caso é importante falar dos diferentes tipos de artefatos, no qual poderiam ser minas comuns (antipessoais) e Minas Anticarro que tem um peso específico para serem detonadas (que detonam com veículos leves, animais grandes, veículos blindados ou caminhões de grande tonelagem, etc.)

O acidente que envolveu um dos entrevistados foi com um artefato anticarro, no qual Gibson relata que:

Eu sofri um acidente lá. Meu veículo passou em cima de uma bomba [mina terrestre], furou o pneu e eu capotei. Fraturei 3 costelas e rasguei o braço. Tivemos que solicitar socorro, onde eu estava não tinha estrutura e o hospital mais próximo ficava a 400 km. Fui transportado, aerotransporte, me atenderam, fizeram cirurgia, pedi para não ficar internado. O médico me liberou, mas toda semana eu voltava lá para acompanhamento. (GIBSON, 2021 p. 8)

Outro caso que envolveu acidente com mina terrestre foi relatado por outro entrevistado, agora com um civil, no qual foi feito o resgate pela equipe da ONU, e no qual cita a dificuldade em encontrar esses artefatos explosivos, impedindo o plantio e a produção da agricultura familiar em certas regiões. Para Seraphico:

Aconteceu, por exemplo, resgate de moçambicano que pisou em mina [terrestre]. Eu lembro bem de um caso disso; não fui, na época eu já estava havia 6 meses em Moçambique, haviam chegado 2 australianos, e eles se voluntariaram para o resgate. Era muito comum, pois na guerra eles [os beligerantes] foram colocando mina “adoidado”, e não mapearam. Quem fez esse trabalho foi a própria ONU, com os observadores militares, que começaram a mapear e delimitar essas áreas. Acontecia muito de lavradores, trabalhadores moçambicanos pisarem em minas e nós tivemos que ir buscar. Isso foi uma das coisas que me marcou. (SERAPHICO, 2021 p. 6)

Outro fator muito problemático para o desenrolar da missão em Moçambique, foi a grande quantidade de armas encontradas entre os combatentes da FRELIMO e da RENAMO, em que apesar da constante falta de recursos básicos (Água, comida, medicamentos), foram encontrados armamentos modernos em grande quantidade, demandando áreas específicas para salvaguardar esses equipamentos bélicos.

Com essa discussão, Guerra cita que:

Muito mais complicado, essa situação de desmilitarização e eles tinham armas, apesar da questão social, falta de comida, falta de água, falta de infraestrutura, mas o que a gente percebe é que a quantidade de armas que eles tinham era muito grande e tinham certas armas que eram tecnologicamente pra época avançadas, dentro dos dos acampamento da guerrilha. Lembra, Fernando? Tinha até armas antiaéreas lá. Sim. Antiaéreas, computador; esse tipo de coisa, na época era uma novidade isso aí, mas tinha arma, tinha muita arma lá. Nós fiscalizamos esse recolhimento dessas armas e a gente pode perceber toneladas e toneladas de fuzis, de granada, de minas, sendo entregues, sendo retiradas (GUERRA, 2020 p.6).

As críticas a ONUMOS

Durante as entrevistas, surgiram algumas críticas sobre a Missão das Nações Unidas em Moçambique, principalmente sobre a forma de atuação da organização internacional e a presença constante de interesses do capital e da lógica econômica do pós-Guerra Fria, estabelecendo áreas específicas de exploração agropecuária.

Para Gibson, a missão foi responsável por muito além da consolidação política e social da nação africana, mas para o estabelecimento de um aliado direto do G5 e das potências interessadas em seus recursos e que estavam representadas por outras instituições de apoio à ONUMOS. Em seu relato temos:

O G5, aonde tinham áreas beligerantes, aonde tiver riqueza, eles estão. O Haiti, o que podia oferecer para esses caras: nada. Moçambique, o que tinha? Vastidão de terras que podiam ser exploradas pela agricultura. Então os noruegueses, os italianos, os espanhóis estavam em peso lá. Nós vimos áreas sendo demarcadas por países, um neocolonialismo, estavam tomando posse. Essa é a experiência negativa: a ONU e esses países serviam como novos colonizadores. Vieram para tomar as riquezas do país. Por exemplo, a costa de Moçambique se descobriu como uma costa rica para o pescado. Quem tinha interesse nisso? Portugal e Noruega. Então estava tudo loteado entre os europeus. Só que os europeus são mais elitizados, ficavam em funções-chave, em organizações, os braços da ONU, tinha o World Food Program, os Refugiados, aí você vê: o que a ONU deixou? Quantas escolas ela construiu? Quantos hospitais foram feitos? Eu te digo: zero! (GIBSON, 2021 p. 4-5)

Uma crítica contundente feita pelo mesmo militar está ligada a ausência de iniciativas para a construção de instituições educacionais, assim como um processo de reintegração social falho de ex-combatentes, no qual eram entregues aos mesmos somente instrumentos para trabalho na terra, roupas básicas, e um salário mensal (modesto) de 100 dólares durante menos de um semestre. Importante lembrar que muitos dos desmobilizados foram recrutados ainda como crianças, com muitas sem formação e tendo que lidar com uma realidade absurdamente diferente com pouquíssimo apoio e sem qualquer treinamento de agricultura.

Então a ONU poderia fazer muito mais se ajudasse a reconstruir, e não explorar as riquezas do país. O caráter humanitário não existe. Aquelas distribuições de rações, de alimentos? Tudo quase para vencer. 30, 40 dias antes. Os caras dos exércitos de Moçambique entregavam as armas e recebiam um kit agricultura, olha só o que vinha: uma pá, uma enxada, um ancinho, um balde e um saco de sementes. Então, olha a história da maioria deles: desde criancinha, eles eram raptados, os pais eram mortos, ele era treinado para ser guerrilheiro, aí a ONU chega e diz “boa sorte! ”. E um salário de 5 meses. Merreca, 100 dólares por mês, em moeda local. Não teve nenhuma preparação, separar uma terra, ensinar a plantar, a colher, para eles terem um rendimento. Existe essa hipocrisia. O que se vende é marketing. (GIBSON, 2021 p. 10).

O Retorno para a corporação Paraense e o esquecimento institucional da participação da Polícia Militar na ONUMAZ

Como já foi informado, os Observadores policiais prestaram apoio ao processo de fiscalização das eleições gerais em Moçambique, como encerramento do seu período de missão pela ONU, e com muitos iniciando os preparativos para o retorno ao Brasil. Para a volta, um clima mais amistoso estava presente na missão, já que os objetivos haviam sido concluídos e os 12 meses de contrato estavam findando, não houveram contratempas, permitindo um deslocamento tranquilo para o Brasil.

As sedes regionais precisaram ser desmanteladas e ter o seu pessoal deslocado para a capital, buscando organizar o retorno escalonado do contingente militar e dos observadores militares e policiais.

Encerrado o processo eleitoral, ocorreu tudo bem, as urnas foram embora, isso foi desmobilizado. Aí a gente retorna para os escritórios e aguarda já a fase final de desmobilização da nossa força. Não teve nenhum contratempo, e começamos a trabalhar já em movimento de retorno. As reuniões já eram tranquilas, de despedida, de confraternização com o comando da polícia de lá, haviam jantares entre as nacionalidades, porque já estava nesse momento mais leve, de despedida, que a missão tinha dado certo. No início, não sabíamos como isso ia acontecer, mas passada a missão, foi um desfecho muito tranquilo. Mas isso demorou, porque precisou esperar o processo de apuração, para saber o resultado e aí sim começar a desmontar, para ter certeza de que não ia ter algum problema. Isso levou mais ou menos uns 3 meses, não foi tão rápido. Recolhemos tudo que a gente levou e voltamos pra capital do país. E de lá, voltamos para o Brasil. (BITTENCOURT, 2021, p. 8)

Todos os militares que falaram sobre o retorno, abordaram a ausência de reconhecimento por parte da corporação, até porque foi a primeira missão, e a função de observador policial era nova até então. No entanto, para alguns dos entrevistados, há um certo detrimento em relação às forças armadas e as polícias militares estaduais.

Gibson citou em seu depoimento a discussão sobre a relação entre as forças regulares (exército, marinha e aeronáutica) e as forças “auxiliares” polícias e bombeiros estaduais, que são tratadas como tropas de 2º Classe, sendo desconsideradas em oportunidades como a ONUMAZ. Apesar disso, Gibson aborda que conseguiu ficar por um semestre inteiro em unidades escola após o retorno, permitindo uma readaptação e breves discussões com outros militares sobre os aprendizados em Moçambique:

Quando nós chegamos, não fomos recepcionados com nenhuma reverência. Ninguém nos recebeu. O que aconteceu: eu tinha falado com todos na volta e tinha combinado de falarmos que precisaríamos nos readaptar. A gente estava voltando de uma realidade muito tensa, teria esse choque com a realidade daqui. Aí nos distribuíram em unidades-escola, por pelo menos 6 meses, depois retornamos à rotina. Fomos nós que pedimos isso, se fosse por eles voltaríamos diretos para nossas unidades. E isso é uma questão do próprio Exército, de não dar valor para nós [policiais militares]. Se você ver, a partir do comando, os contingentes das Forças do Brasil são compostos cerca de 50 a 40% de Forças Reservas ou Auxiliares. Nós não somos Força Reserva ou Auxiliares. Se você juntar todas as Polícias Militares dos estados você teria

a maior força militar terrestre da América. A capacidade de defesa interna absurda. Mas eles não querem te dar essa distinção. Te subjagam. (GIBSON, 2021 p.7)

Essa participação foi relatada por outro oficial, aluno da Academia Coronel Fontoura no ano de 1994, e que participaria de outra missão das Nações Unidas quinze anos depois, agora no Haiti, sendo selecionado pelo processo seletivo específico para policiais da ONU. O coronel Fabricio Bassalo Fala sobre:

No meu caso aqui na PM anteriormente nós tínhamos cinco veteranos da missão de Moçambique em 1993 que na época que eles chegaram em 1994, eu era aluno, quando chegaram de boina azul, e o pessoal falava: -“Ah boina azul, boina azul” e gerou na verdade uma curiosidade na gente, e aí a gente vai pesquisar né? (BASSALO, 2019 in MACHADO, 2019 p. 66)

Dessa maneira, notamos que mesmo indiretamente, a participação desses militares na missão de paz em Moçambique gerou impactos na corporação paraense, inspirando outros oficiais e praças a concorrerem neste processo de seleção para a participação em missões da ONU. Apesar de serem recebidos com certa indiferença na volta a polícia.

Para outros militares, essa indiferença foi ainda maior, mesmo sendo um grande marco para a polícia militar do Pará, por muito tempo essa informação se manteve desconhecida para a sociedade, que não tinha noção da contribuição de paraenses para uma localidade tão distante como a nação moçambicana. Complementando sua fala sobre esquecimento, Seraphico aborda a situação democrática da nação, cujas eleições acontecem naquele país desde 1994 sem novas revoluções armadas, compreendendo que a missão cumpriu seu objetivo e que como observador, contribuiu diretamente para a consolidação disso:

Eu confesso que senti uma indiferença. Não quero dizer que eu ou meus companheiros somos melhores que qualquer outro colega, longe disso, mas eu acho que foi um marco para a Polícia Militar. Ninguém havia ido antes. Eu esperava ser melhor recebido. O militar tem muitos ritos de comemorações, de fazer a formatura, que é o pessoal formado, com aquele desfile, formatura em honra de fulano, cicrano... então esperava que ao menos tivesse uma formatura. “Olha, são os policiais que foram para a Missão de Paz da ONU. ” Eu carrego comigo a visão de que eu colaborei com aquele país, que hoje está vivendo um tempo melhor, ao menos um tempo de paz. Eu faço algumas pesquisas rápidas, de vez em quando a RENAMO ainda entra em atrito com a FRELIMO, ainda são os dois maiores partidos de Moçambique, mas eles estão em paz. Então a nossa missão foi um sucesso. Eu fiz parte dessa missão. Eu acho que não fui para lá só para ganhar em dólar. Pelo contrário: eu acredito que ajudei, ao menos um pouco, aquele povo, e foi uma experiência muito boa. (SERAPHICO, 2021 p.7-8)

Já para Bittencourt, a missão seria um fator importante para a divulgação de novas oportunidades para policiais militares participarem, tomando experiência internacional importante e complementando a formação dos policiais paraenses, no entanto, isso não aconteceu, e depois da ONUMOZ, somente após dez anos, na Missão de Paz do Haiti a Polícia militar paraense enviou um representante para contribuir com o contingente brasileiro das Nações Unidas.

O retorno para o Brasil: não fomos aproveitados em nada, essa experiência não foi repassada. Se houve alguém que conseguiu passar essa experiência, em palestras, em reuniões, em aulas,

foi por iniciativa pessoal, por que a Polícia não planejou isso. Não fomos reconhecidos com qualquer mérito, não estou pleiteando, mas não teve nenhum, e não houve incentivo para que outros participassem de missão. Isso que eu achei interessante. Nós poderíamos ter aproveitado essa experiência, uma experiência muito positiva, nos preparando para uma continuidade, para que tivesse regularmente um efetivo nosso participando de missões. A missão é, no mínimo, transformadora, em um sentido pessoal. A corporação não quis saber disso. Eu acredito que porque parte do processo de seleção, que envolveu a nossa ida, não foi um processo aberto. O nosso, não sei os outros. Foi uma coisa muito direcionada. Por exemplo, quando eu entrei, o grupo que ia viajar já estava selecionado. Mesmo com as inscrições fechadas, já estava selecionado o grupo (BITTENCOURT, 2021 p. 12).

Considerações Finais

Nas considerações sobre este trabalho é importante discutir a importância dessa atuação militar do Pará e do Brasil na Missão das Nações Unidas em Moçambique, no qual foi a primeira experiência de serviço da Polícia paraense, sob autoridade da ONU, abrindo precedente para novas missões e aprendizados para a corporação.

Somado a isso, de 1992 para cá, o Brasil e a ONU aprimoraram seus mecanismos de ensino e preparação para essas missões, treinando militares e policiais de todo o mundo, sempre deixando claro os objetivos e sobre o que vão ter que lidar. A criação de processos seletivos mais elaborados, assim como do Centro Conjunto de Operações de Paz “Sérgio Vieira de Mello”, foram fatores importantes para a participação de outros praças e Oficiais da Corporação nas Nações Unidas.

Dentre elas, podemos citar a participação da polícia paraense na Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH), no qual os Majores Braga e Bassalo, participaram ativamente do apoio e treinamento da polícia nacional Haitiana. Além da Cabo da Rotam Darilene, que estava até o momento da escrita deste artigo em Missão pela Missão Multidimensional Integrada das Nações Unidas para a Estabilização da República Centro-Africana, no qual foi selecionada em 2019 depois de um rigoroso processo, tornando-se a primeira policial feminina paraense a ingressar em uma missão de paz.

Nessas considerações também devemos ter em vista a crítica em relação a atuação da missão de paz, no qual “cumpriu seus objetivos: ” de auxiliar o estado moçambicano em sua reintegração social de ex-combatentes e no estabelecimento de eleições democráticas. Porém, mostrou-se alheio em questões ligadas à educação e à saúde dos civis que já estavam em uma situação problemática desde o fim dos conflitos e sem uma solução à vista desde então.

Mesmo com essa situação, a experiência de estar em meio as consequências de um conflito direto, somado aos traumas e as diferentes abordagens para lidarem com a Miséria, a cultura, acidentes e outros fatores, fez com que esses militares voltassem mais humanizados, compreendendo que poderiam ajudar a corporação e a sociedade para que cenas que viram no estrangeiro não venham a se repetir aqui.

Somado a isso, os agradecimentos a cada um dos entrevistados que contribuíram para essa

pesquisa, fornecendo um pouco de suas histórias de vida e de suas trajetórias na ONU e na Polícia Militar do Pará, lembrando também aqueles que partiram. Dessa maneira, concluo este trabalho dedicado à memória do Tenente Coronel Cláudio Guerra, uma vítima em meio às mais de 600 mil vidas que perdemos em meio à pandemia da Covid-19.

Referências Bibliográficas

AGUILAR, Sérgio Luiz Cruz. **Uma ‘Cultura Brasileira em Operações de Paz’**. Caderno GAP Conflitos III. Contribuição Brasileira às Missões de Paz da ONU, 2008.

CABAÇO, José Luís de Oliveira. **Moçambique: identidades, colonialismo e libertação**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CASTELO-BRANCO, Luís. **As missões da ONU na África Austral: sucessos e fracassos**. Nação e Defesa, 2003.

COTTA, Francis Albert. A emergência do "militar de novo tipo": um estudo antropológico na polícia de Minas Gerais. In: RODRIGUES, Fernando da Silva e ARIAS NETO, José Miguel. **História militar entre o debate local e o nacional** (Série estudos reunidos volume 51), Jundiaí, Paco editorial, 2018.

FREITAS, Jeane Silva de; DE ARAÚJO, Wemblley Lucena. **A política externa brasileira para a África: o envolvimento do Brasil nas operações de paz como instrumento de inserção internacional no continente africano**. Revista Política Hoje, v. 23, n. 2, p. 105-124, 2014.

GOMES FILHO, Gregorio Ferreira. **Sombras da Historiografia Brasileira: Marreca e o Regimento Militar do Pará em Canudos**. Examãpaku, v. 1, n. 1, 2013.

JANUÁRIO, Emílio Mário. **Estudo da luta de libertação nacional de Moçambique**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências Militares) Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2019.

LE GOFF, Jacques, **História e memória**; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LOPES, Fabiano Luis Bueno; **Batalhão Suez: História, memória e representação coletiva - (1956-2000)**, UFPR, Curitiba, 2005.

MACHADO, Francisco Ribeiro. **Visão Histórica da Polícia Militar do Pará: pesquisa e compilação**. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 2012.

MARRECA, Orvácio Deolindo da Cunha. **A Milícia Paraense e a Sua Heróica Atuação na Guerra de Canudos**. Belém: Guajarina, 1937.

MARRECA, Orvácio Deolindo da Cunha. **Histórico da Polícia Militar do Pará: Desde seu Início (1820) até 31 de dezembro de 1939**. Belém: Oficinas Gráficas do Instituto Lauro Sodré, 1940.

DE OLIVEIRA, Walter Pinto. **Memórias de Uma Revolta Esquecida**: O Baixo-Amazonas na Revolução Constitucionalista de 1932. Editora Pakatatu, Belém 2013.

Organização Das Nações Unidas. **Carta das Nações Unidas (Em português)**, disponível em <https://nacoesunidas.org/carta/>, Acessado no 04 de janeiro de 2019, às 15:45

PINSKY, Carla Bassanezi (organizadora). **Fontes históricas**. — 2.ed., I a reimpressão. — São Paulo: Contexto, 2008.

PORTELI, Alessandro. **O que faz a História Oral diferente**. Projeto história, São Paulo, 1997.

SILVA, Giselda Brito. **Salazarismo e Educação Colonial em África**: Angola e Moçambique em Perspectiva Comparada. 30º Simpósio Nacional de História, Recife, 2019.

SILVA Lelio Gonçalves Rodrigues da. Operações de paz das Nações Unidas em Moçambique. In: AGUILAR, Sérgio Luís Cruz. **Brasil em missões de paz**. São Paulo, Usina do livro, 2005.

SILVEIRA, Kaiutan Venerando Ruiz da. **As operações de paz como instrumento de política externa**: motivações da participação brasileira na ONUMAZ e UNAVEM III. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2019.